

Cinema paraibano hoje

Se há um ponto de referência para o cinema paraibano este é *Aruanda* (Linduarte Noronha, 1960). Associado por Glauber Rocha ao nascimento do Cinema Novo Brasileiro, *Aruanda* deflagrou na Paraíba um movimento documentarista, de cunho antropológico e social, que iria revelar, nos anos 60, nomes como Vladimir Carvalho, João Ramiro Melo, Ipojuca Pontes, Manfredo Caldas, Jurandy Moura, e outros.

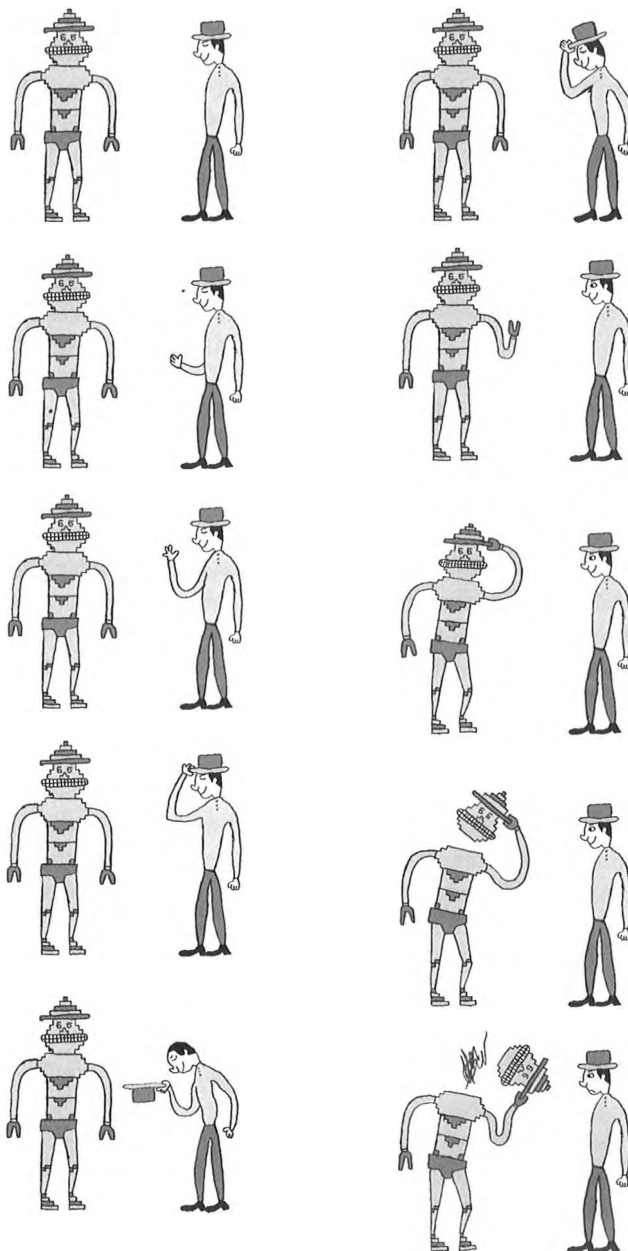
Com a consolidação da ditadura e a migração de cineastas para outros Estados, o cinema paraibano conheceria um certo arrefecimento nos anos 70.

No último ano dessa década, contudo, um fato importante aconteceu, que viria a dar novo alento ao cinema paraibano: em convênio com a Universidade Federal da Paraíba e o Governo estadual, foi realizada em João Pessoa, a VIII Jornada Internacional de Cinema e Vídeo da Bahia, um fórum de debates sobre cinema como a Paraíba nunca havia tido, com presenças tão marcantes quanto a do etnógrafo e cineasta francês Jean Rouch.

Uma consequência prática dessa Jornada foi a criação do Núcleo de Documentação Cinematográfica da UFPB, o NUDOC, que hoje, juntamente com a COEX (Coordenação de Extensão Cultural da UFPB) mantém boa parte da produção audiovisual paraibana. Durante o Festival foi assinado um convênio com a *Association Varan*, de Paris, pelo qual professores desta instituição viriam dar aulas em João Pessoa, e alunos locais iriam a Paris para complementar seus aprendizados, todos evidentemente na linha do cinema direto.

Graças a esse intercâmbio entre Paris e João Pessoa, e à atividade do NUDOC, onde funcionou, por algum tempo, primeiramente sob a direção de Pedro Santos, um "Atelier de cinema direto", foi treinada toda uma nova equipe de futuros cineastas. Entre os estagiários do programa estavam Marcos Vilar, Torquato Joel e Vânia Perazzo.

Ao longo da década de 80 foram realizados, em termos médios, cerca de 40 filmes em Super-8, e 20 vídeos em VHS, todos seguindo, mais ou menos, os princípios do que Jean Rouch entendia como "cinema direto": atores não-profissionais interpretando suas próprias vidas, com som direto e em longas tomadas, com montagem mínima.



Após o vazio-Collor da sua primeira metade, os anos 90 vão encontrar um grupo renitente de cineastas que não parou de pensar em cinema, realizando vídeos enquanto não era possível fazer outra coisa.

Em 1993, graças à premiação em um concurso de roteiros do Ministério da Cultura, Marcos Vilar realiza, em 35 mm, o curta *A árvore da miséria*, adaptando um conto popular medieval, a estória de uma mulher avarenta que é visitada pela figura da Morte, filme que recebeu, em festivais nacionais, o maior número de prêmios já conferidos a uma produção paraibana. Significativos em si mesmos, esses prêmios não podem deixar de ser computados ao meio dos fatores mais preponderantes para a continuidade do fazer cinematográfico num Estado pobre em que os cineastas lutam contra o descrédito do empresariado local, tão pouco receptivo às leis de isenção de impostos e incentivo à cultura.

Embora em *A árvore da miséria*, a temática social prevaleça, já se nota uma nova tendência no cinema paraibano contemporâneo, que é uma certa inclinação para o ficcional. O curta experimental de três minutos que Torquato Joel realizou, aproveitando as filmagens de *A árvore*, também foge ao documento: *O verme na alma*. Isso para não falar de toda uma gama de vídeos – como se sabe, potenciais precursores de filmes - realizados nos últimos anos quase sempre privilegiando a ficção.

Exemplo da busca ficcional está no trabalho do jovem cineasta Carlos Dowling, estagiário em *A árvore de miséria*: em 1998 realiza seu primeiro filme, o média-metragem em 35 mm *Funesto: uma farsa irreparável em três tempos* contando três estórias inusitadas cujo núcleo temático é a morte.

No mais, como no resto do país, a realização cinematográfica na Paraíba esbarra em questões de ordem financeira. Há dois anos esperando financiamento para finalização, está, por exemplo, o

média-metragem *Eu sou o servo*, de Eliézer Filho, com produção de Durval Leal, que retrata uma personalidade profundamente marcante na história nordestina, o Padre Ibiapina, em sua derradeira viagem pelos sertões. No momento atual, dois projetos em 35mm esperam captação de recursos: *A canga*, curta de Marcos Vilar, baseado em livro de Waldemar Solha, abordará os conflitos edipianos de uma família que sobrevive da terra estéril; e *Por trinta dinheiros*, longa-metragem, também ficcional, de Vânia Perazzo e Ivan Hlebarov contará a estória de dois artistas circenses que, interpretando os papéis respectivos de Jesus e Pedro na peça *A paixão de Cristo*, fogem com o borderô do circo e são perseguidos e confundidos com os personagens interpretados.

Existe um paradigma, de natureza estética, para o cinema paraibano contemporâneo? Difícil dar uma resposta afirmativa para uma cinematografia em processo, mas se for o caso, poderá-se dizer que os filmes realizados e os projetos em andamento apontam para uma fusão sábia e sensata entre o engajamento social, e a liberdade criativa. Quer nos parecer que o espírito documental originário de *Aruanda* e a postura direta da primeira fase NUDOC foram digeridos e transmutados para dar frutos autônomos, nem tão diferentes (pelo enfoque social), nem tão iguais (pela liberdade de invenção).

Um verdadeiro avatar desse paradigma é o curta em 35 mm *Passadouro* (1999), de Torquato Joel, que, como *A árvore da miséria*, vem arrebanhando prêmios nos festivais de que tem participado. Propositadamente indefinido entre o documento e a ficção, o filme de Joel assume nisso os traços estéticos da atualidade, que, tudo indica, devem ser desenvolvidos em realizações futuras.

João Batista de Brito
professor da UFPB e crítico de cinema

